

### Ramos de Azevedo

O dr. Ramos de Azevedo nasceu no dia 8 de dezembro de 1851 quando se comemorava a festa da Imaculada Conceição na cidade de São Paulo e Guarulhos fazia mais um aniversário desde a sua fundação em 1560.

A grande importância para Guarulhos de Ramos de Azevedo é que ele projetou e construiu de 1908 a 1910 a sede da Fazenda Cabuçu, onde morava o diretor gerente da Empresa Cerâmica Paulista, o sr. Francisco Gonzaga de Vasconcelos, cujos descendentes moram em Guarulhos.

A sede da Fazenda é hoje o Teatro Municipal Nelson Rodrigues, que conserva ainda algumas das características do projeto original, o qual tinha as varandas grandes, porões e vasos decorativos, escadaria de entrada e janelas coloniais, que não existem mais. Cheguei a ver uma fotografia da época quando a mãe do sr. Moacir Vasconcelos estava dando milho aos gansos num gramado muito grande, que hoje é o Lago dos Patos, que não existia na época e, nos fundos, se via a casa construída por Ramos de Azevedo.

A cerâmica Paulista (1911), que ficava em Guarulhos, fabricava tijolos e telhas com máquinas alemãs. Foi a primeira indústria mecanizada de cerâmica no Estado de São Paulo. O Liceu de Artes e Ofício, a cripta da Sé, o Colégio Mackenzie e a Santa Casa de Misericórdia foram feitos com tijolos guarulhenses, como diz o livro “Ritos de Passagem” do Lineu Roque Aceiro.

Seu nome completo é Francisco de Paula Ramos de Azevedo e gostava de falar que era campineiro, embora tivesse nascido em São Paulo. Estudou o curso primário em Campinas, depois foi para o Rio de Janeiro onde cursou a Escola Militar na Praia Vermelha, em 1869, quando então tinha 18 anos e o Brasil estava em guerra com o Paraguai.

Ramos de Azevedo não se deu bem com os militares e saiu da escola sem terminar o curso, voltando para Campinas, onde, a convite do Conde de Parnaíba, trabalhou em ferrovias.

Como era de costume na época, os filhos dos fazendeiros de café iam estudar na Europa e Ramos de Azevedo foi estudar na Bélgica que tinha o curso mais barato. Matriculou-se no curso de engenharia na *Universidade de Gand*.

Em 6 de junho de 1878 recebeu o diploma de Engenheiro-Arquiteto (*Ingenieur Architecte*) *avec grand distinction* (com grande distinção), sendo o primeiro aluno da classe.

Vindo da Bélgica, Ramos de Azevedo foi para Campinas trazendo as idéias novas de arquitetura. Fez várias obras em Campinas, desde os casarões dos barões do café a algumas obras públicas. Fez, ainda, amizade com um engenheiro nascido em 6 de dezembro de 1843 na cidade de Itu, chamado Antonio Francisco de Paula Souza, que tinha estudado engenharia na *Escola Carlsruhe* na Alemanha e voltado para o Brasil em 1869. Mais tarde em 1894, Paula Souza fundou a Escola Politécnica no solar do Marquês de Três Rios. A Escola Politécnica foi criada pela lei número 191 de 24 de agosto de 1893.

Ramos de Azevedo era republicano e voltou ao Brasil com as idéias positivistas da Europa que estavam em moda no Brasil.

Tudo indica que foi o seu grande amigo General Francisco Glycério, que o introduziu na maçonaria. Ramos de Azevedo também pertenceu a Escola Politécnica, na qual o Diretor Paula Souza tinha trazido da Alemanha e fundou uma sociedade secreta chamada *Landmancraft*, cujo presidente era ele mesmo. Quando morreu Paula Souza,

em 1917, assumiu a direção da Politécnica o vice diretor Ramos de Azevedo, assumindo também a presidência da sociedade secreta. Quando Ramos de Azevedo morreu em 1928, outro diretor da Politécnica assumiu a presidência. Estudei na Politécnica de 1962 a 1966 e nunca ouvi falar daquela sociedade secreta chamada *Landmanscraf*.

Em Campinas, depois da cerimônia de inauguração do matadouro em 8 de março de 1881, Ramos de Azevedo convidou os seus amigos para um modesto “copo d’água”, em sua casa. Os jornais estranharam o termo, não sabendo que é usado para uma festa comum depois de uma reunião maçônica.

Quando a Politécnica foi instalada em 15 de fevereiro de 1894, logo depois Ramos de Azevedo conseguiu criar o curso de arquitetura com lei especial nº 3 de 23/7/1894 e lecionou para os arquitetos e para os engenheiros civis a cadeira de “Elementos de Arquitetura”.

Depois de morar um certo tempo em Campinas, Ramos de Azevedo mudou para São Paulo, onde trabalhou em seu escritório técnico.

As obras de Ramos de Azevedo foram imensas. Vamos citar o Teatro Municipal, o Palácio das Industrias (1910-1924), o Prédio da *Light*, o asilo dos alienados do Juqueri, o prédio do Liceu de Artes e Ofício (atual Pinacoteca), o prédio da Escola Politécnica (1908), a Escola Normal da Praça da República (1900), o Quartel da Luz (Batalhão Tobias de Aguiar-1892), o Hotel de *La Plage* no Guarujá.

Por incrível que pareça, o monumento do Ipiranga não foi feito por Ramos de Azevedo, embora tenha entrado no concurso e sim pelo arquiteto italiano *Tommaso Gandenzio Bezzi*, que era amigo de D. Pedro II.

Em questão de estilo é sempre bom salientar, que o escritório de Ramos de Azevedo não tinha um estilo definido. Os edifícios públicos de modo geral seguiam o modelo “clássico”, enquanto que, nas casas dos ricos, usava-se o estilo “neocolonial” com seus sobrados grandes e isolados das divisas. Usavam também o estilo “campestre” com varandas, alpendres como a casa da família dos Vasconcelos (Teatro Nelson Rodrigues). Algumas vezes usava o estilo florentino, que alguns não gostam, como no Palácio das Indústrias com 6.500m<sup>2</sup> de área construída.

O prédio da *Light* foi projetado por arquitetos de Nova Iorque, mas a construção é de Ramos de Azevedo.

Quando era criança cheguei a ir com meu pai, mãe e irmã ao Guarujá e vi o antigo *Hotel de La Plage* (Hotel da Praia), na praia da Pitangueira, onde havia um cassino que tinha sido fechado. Foi neste Hotel, em 13 de junho 1928, que morreu o dr. Ramos de Azevedo, de uma infecção gripal forte e em 23 de julho de 1932, no mesmo hotel, quarto 152 Santos Dumont suicidou-se.

O mais importante de tudo é que Ramos de Azevedo era um homem culto, um grande arquiteto, um grande comerciante que trouxe uma nova vida para a arquitetura paulista e para o Brasil. A execução de suas obras tinham uma dificuldade maior do que hoje, pois quase tudo era importado, inclusive o cimento que vinha em barricas e faltava mão de obra especializada.